

AJ03483

Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca

Vitória (ES), domingo, 9 de março de 2003 - 23

ESTADO

A GAZETA

Negros buscam manter tradições

Descendentes de escravos do Sul do Espírito Santo lutam para preservar a herança deixada por seus ancestrais, mesmo sofrendo a interferência de outras culturas

BRUNO ATHAYDE

Alegre - Os negros, mais do que responsáveis pela miscigenação das raças que compõem a população do Sul do Estado, são parte integrante da diversidade cultural dos vários municípios, guardando singularidades nas manifestações religiosas e folclóricas.

Atualmente, as interferências de religiões cristãs, a destruição das sedes das grandes fazendas, além da não-fixação do jovem no campo estão provocando o êxodo das antigas famílias para distritos e para a sede dos municípios, causando a perda da identidade cultural deste povo.

No município de Alegre, povoado por italianos, franceses, sírios, libaneses, portugueses e índios, a presença da raça negra foi fundamental



Fotos de Carlos Abel Dutra

raça negra foi fundamental para a formação do seu povo e de sua cultura. Manifestações folclóricas como o caxambu ou jongo, o boi-pintadinho e a dança da fita, aprendidas nas senzalas e nos terreiros, compõem, hoje, a diversidade do folclore da região.

Além dessas manifestações, a religiosidade e outras práticas permanecem intactas nas famílias, apesar da deterioração provocada pela interferência de outras culturas e religiões.

De acordo com o historiador Robson Luís Machado Martins, que atualmente faz doutorado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) sobre a história social da cultura negra, a região onde estão localizados os municípios de Alegre, Muniz Freire e Guaçuí guarda algumas particularidades que ainda não foram destruídas por se tratarem de municípios essencialmente rurais.

“Apesar de muitas famílias já estarem se mudando para as cidades, muitas ainda resistem e permanecem em suas casas. Geralmente, são colonos de grandes propriedades rurais que não deixam a tradição herdada de seus ancestrais escravos se perder”, explica Luís.

Endogamia

Entre as particularidades ainda encontradas nessas famílias formadas por negros está a endogamia, prática caracterizada pelo casamento com pessoas da mesma família. Os Marriel são um desses casos ainda existentes. Segundo Elpídio Torres Marriel, 78 anos, o seu Diquito, casar com primas é mais fácil.

Ele, viúvo, juntou-se recentemente com a prima Maria Marriel, 72, que também não vê problema na união, mesmo sabendo que o primeiro casamento foi com outra prima.

Como moravam em uma

mesma região, chamada por eles de Travessão ou Fazenda Santa Prisciliana do Travessão, localizada no distrito de Anutiba, do avô de seu Diquito, que foi um senhor de escravos, a união foi a maneira mais prática de se arranjar alguém.

“Fica mais fácil de namorar e não tem o problema de distância”, afirma seu Diquito, que há três anos abandonou o seu pedaço de terra na Travessão para morar com a esposa em Anutiba, sede.

Em Travessão, não era só a endogamia dos Marriel que chamava a atenção. Lá ainda existe um Centro Espírita que era dirigido pelos ancestrais de Elpídio. Seu Diquito afirma que não se mudou, apenas construiu uma casa para sua

nova mulher, mas a influência deste êxodo pode ser notada em um de seus filhos, Joaquim dos Santos Marriel, 45, que abandonou sua religião de origem e, hoje, frequenta a Assembléia de Deus.

Homenagem

Outro dado, hoje, encontrado exclusivamente na região integrada pelos municípios de Alegre, Guaçuí e Muniz Freire, são os cemitérios dos cativos.

Diferentemente das religiões cristãs ocidentais, os negros cultuam os mortos. E a melhor forma de render homenagens aos ancestrais escravos é sentar-se no cemitério, onde apenas negros eram enterrados e conversar com eles. Os mor-

tos eram enrolados em uma rede e a procissão seguia com ele até o cemitério.

Não há levantamentos sobre o número de cemitérios existentes. Os mais conhecidos ficam localizados na Fazenda Fortaleza em Araraí, distrito de Alegre, São Simão, em Muniz Freire, na Travessão, em Anutiba, e no Barro Branco, em Guaçuí.

Os cemitérios são cercados, geralmente possuem um cruzeiro ou alguma imagem de um santo do catolicismo e tem muitas flores, sem esquecer dos bancos, onde os visitantes sentam para conversar. O dia de maior visitação é no 13 de maio, data da abolição da escravidão, quando são realizadas rezas e procissões.



FOLCLORE

Tocar o caxambu é um dos costumes que continua até hoje. Outro é casar com pessoas da mesma família, como fez o seu Diquito, que se uniu a sua prima Maria Marriel. Além disso, é comum ir ao cemitério conversar com os mortos cativos



Pesquisa enfoca mais a Região Sul

A pesquisa sobre abolição da escravatura realizada por Martins, que completa oito anos, ressalta a importância da região do Sul do Estado na composição da população negra do Espírito Santo.

Na época da abolição da escravatura, dos 13 mil negros registrados na província, 7 mil estavam no município de Cachoeiro de Itapemirim, da qual pertenciam as freguesias de Alegre, Guaçuí, Muniz Freire e Itabapoana.

Café

Segundo o historiador, foi desenvolvida durante a pesquisa uma análise do processo de abolição da escravatura na antiga província e atual Estado do Espírito Santo, mas com enfoque especial para a Região Sul, em particular, por causa da relevância econômica e social que o município de Cachoeiro de Itapemirim desempenhou no desenvolvimento econômico da província.

“Cachoeiro, junto com suas freguesias, representava mais de 50% da renda do Estado no final do século XIX, por conta da produção do café”, explica Martins.

Para o historiador, atualmente, o município de Alegre é o mais representativo em relação à manutenção da cultura. Martins aguarda agora a publicação do livro “Os caminhos da liberdade: Abolicionistas, escravos e senhores na província do Espírito Santo – 1884-1888”, baseado nos dados coletados durante a pesquisa.

Folclore relembra época da escravidão

“No tempo do cativo, quando o senhor me batia, eu gritava por Nossa Senhora (Meu Deus!), como esse coro doía”. Com esses e outros versos, o caxambu, também conhecido por jongo, foi instituído nas comemorações da abolição da escravatura.

Hoje, poucos ainda fazem como os escravos, que jogavam o caxambu para obter um benefício, como cura ou melhora na colheita, como explica Martins. Os irmãos Antônio Raimundo da Silva, 74, e Paulo Raimundo da Silva, 63, tocam o caxambu desde a juventude.

A manifestação é uma missão para eles, como explica seu Antônio, que

surgiu depois que ele foi curado por Santo Antônio. “Eu nasci no dia 12 de junho, um dia antes do Dia de Santo Antônio. Quando eu tinha uns três meses adoeci. Minha mãe e a dona da fazenda fizeram uma promessa para o santo, pedindo a minha cura, que veio logo depois. Então, elas, para cumprirem a promessa, realizavam no dia dele a reza do terço”, explica seu Antônio.

Quando completou 18 anos, a missão foi passada para Antônio, que desde então realiza a festa no dia do padroeiro, jogando caxambu e rezando o terço.

A dinâmica do caxambu obedece a

regras. São seis mulheres, que dançam e batem palmas, e seis homens, que fazem os versos em tom de desafio. Para acompanhar são tocados dois caxambus, espécies de tambores feitos com uma madeira oca, que deve ser revestida por um coro.

Vício

Um dos tambores é o chamador, pois o som vai mais longe, e o outro, o candongueiro, que é a resposta. Nas duas famílias, os filhos e netos aprenderam a jogar caxambu e participam de rodas, que chegam a reunir pessoas dos municípios vizinhos.

Os dois irmãos, que moram na Fazenda do Horizonte, dizem que vivem em função do jongo, uma espécie de vício benéfico para as duas famílias. Outras particularidades do caxambu, segundo aponta Martins, é que durante o jogo as entidades são influenciadas e convidadas a participar, causando um tipo de transe nos jogadores, ou atletas, como são chamadas os jogadores por seu Antônio.

O folclore do caxambu, hoje restrito a poucas comunidades, foi praticado por negros do Vale do Paraíba, em São Paulo, até o Sul do Espírito Santo.